

ENTREVISTA**ODILON CALDEIRA NETO****Entrevistado:**

Professor Adjunto de História Contemporânea e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Editor da Locus: Revista de História (UFJF). Coordenador do Observatório da Extrema Direita (oedbrasil.com.br - CNPq/UFJF) e do Laboratório de História Política e Social (UFJF). Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio doutoral no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-Ulisboa). Autor de: "Sob o Signo do Sigma: Integralismo, Neointegralismo e o Antissemitismo" (Eduem, 2014) e co-autor de "O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo" (FGV, 2020) e "Fascism in Brazil: from Integralism to Bolsonarism" (2022, Routledge), na série "Studies in Fascism and the Far Right", ambos com Leandro Pereira Gonçalves. Desenvolve atividades de pesquisa e docência com foco em História Contemporânea e História do Tempo Presente, atuando principalmente nas seguintes temáticas: Extremismos de direita, Fascismos, Neofascismos, Direitas Radicais e processos transnacionais da extrema direita. Além disso, possui interesse nos campos da História Digital e História Pública.

Entrevistadoras:**Maria Visconti Sales** 

Licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014), com extensão universitária de um semestre na Universidade Friedrich-Alexander, em Erlangen-Nuremberg, Alemanha (2013). Mestre na linha de História e Culturas Políticas na Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Doutoranda pela mesma instituição (início em 2018). É membro da Perpetrator Studies Network (Utrecht University-Holanda) e da Rede de investigação Direitas, História e Memória (DHM). É membro fundadora e coordenadora do Núcleo Brasileiro de Estudos sobre Nazismo e Holocausto (NEPAT) desde 2019. Atua na área de História Pública, com a produção de conteúdo de divulgação científica sobre nazismo e Holocausto nas redes sociais do NEPAT e no Podcast Desnazificando.

Bárbara Deoti Silva Rodrigues

Licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2020). Integrou o núcleo de História do projeto Residência Pedagógica como bolsista entre 2018 e 2019. É coordenadora do Núcleo Brasileiro de Estudos sobre Nazismo e Holocausto (NEPAT) desde 2019. Também é responsável pelo Pensar os Extremos: Rede Internacional de Estudos sobre Nazismo, Memória e Guerra, uma rede de pesquisadores coordenada pelo NEPAT. Atua na área de História Pública, com a produção de conteúdo de divulgação científica para redes sociais. Tem interesse nas áreas de História Contemporânea, História e Literatura, Literatura do Século XX, Representações Literárias do Nazismo e do Holocausto, História Alternativa, Holocausto.

NEPAT: Antes de mais nada, gostaríamos de agradecer ao professor Odilon por ter aceitado o convite para esta entrevista. Gostaria que iniciássemos a entrevista conversando brevemente sobre sua trajetória acadêmica. Como surgiu seu interesse em pesquisar as direitas, o fascismo o integralismo? Como você se deparou com esses temas? E como foram os momentos iniciais da pesquisa? Afinal, nós sabemos que esse campo de estudos, assim como o nosso, nem sempre é fácil de digerir.

Odilon Caldeira Neto: Querida Maria Visconti, eu agradeço o convite. É uma satisfação conversar contigo e com as leitoras e leitores da revista *Escritas do Tempo*. Durante a minha juventude, estive envolvido com culturais juvenis urbanas, notadamente a "cena" punk, que é um ambiente majoritariamente caracterizado por uma forte presença antifascista. Isso despertou, em certa medida, um interesse, da minha parte, pelo entendimento do universo oposto: o fascista, o neofascista e a extrema direita de maneira mais ampla. Paralelamente, como estudante de graduação em busca de um objeto de pesquisa, a minha impressão era que, a despeito de uma larga tradição de estudos sobre o pensamento autoritário e o extremismo de direita histórico no Brasil, existia uma baixa incidência de estudos dedicados aos fenômenos mais recentes. Era um momento em que o extremismo de direita não era objeto de discussão na sociedade de maneira mais ampla, inclusive por que a disputa entre PT e PSDB dava tons de robustez democrática à política brasileira. Então, eu diria que foi o antifascismo que me fez ter interesse nas iniciativas de pesquisa que desenvolvo há certo tempo. Agora, sobre o desenvolvimento da pesquisa em si, eu destacaria duas condições. A primeira era uma ligeira desconfiança - se é que

este é o termo adequado - em relação aos estudos sobre as direitas. Não era raro eu ter que explicar, após perguntas capciosas, quais as razões motivadoras da minha pesquisa. Isso era algo que me atordoava, inclusive porque não me parece uma pergunta que normalmente se faz às pesquisadoras e pesquisadores de outros temas da História Política e Social. Será que quem pesquisa as esquerdas precisavam passar por alguma espécie de crivo político e ideológico? Penso que não. Além disso, eu me sentia um pouco deslocado dado a especificidade de meus objetos, inclusive por ser uma pesquisa de História do Tempo Presente. Uma saída foi buscar, desde sempre, um itinerário interdisciplinar. A Ciência Política, a Sociologia e a Antropologia são áreas que fornecem diálogos muito pertinentes nas minhas pesquisas. Sobre a digestão do tema, creio que nunca foi algo muito problemático, e acho que isto diz respeito ao itinerário da minha formação como pesquisador: foi o antifascismo que me levou a pesquisar o neofascismo e a extrema direita. Talvez, o principal obstáculo foi tornar a minha leitura e abordagem menos *apaixonada* e militante, pois não é raro o antifascismo denunciar o fascismo de uma maneira pouco preocupada em rigor analítico e conceitual. Então, balancear o antifascismo com o rigor conceitual foi uma preocupação fundamental, algo que tento trazer em minhas pesquisas e no diálogo com meus alunos, seja como professor ou como orientador.

NEPAT: Dizer que estamos testemunhando um crescimento dos incidentes envolvendo apologia ao nazismo e manifestações de cunho neonazista é constatar o óbvio. Não obstante, esse é um cenário que nos preocupa há alguns anos. Como você entende esse cenário atual? Especialmente a partir do seu trabalho como coordenador do Observatório da Extrema Direita. Sinta-se à vontade para explicar o que é essa iniciativa.

Odilon Caldeira Neto: O extremismo de direita é um fenômeno histórico no Brasil. Considerar esta característica é fundamental, na minha leitura, para compreender a existência de uma certa tradição, assim como para entender as interfaces entre o passado/presente e as novas dinâmicas. Eu insisto neste ponto, pois muitas vezes as leituras apriorísticas sugerem que a extrema direita brasileira é um fenômeno de importação e adaptabilidade das referências internacionais. Eu não nego, por óbvio, esse trânsito, pois o transnacionalismo é um elemento de grande importância. Mas desconsiderar a existência de uma história (também atual) da extrema direita brasileira é apostar em uma proposta de inoculação, como se este discurso e forma de ver o mundo

não estivesse arraigado em gerações de intelectuais e militantes políticos. Nada mais conservador que esta leitura! Se o problema é exclusivamente a "importação", não precisaríamos discutir os meios de validação (inclusive setores da chamada "grande imprensa"), tampouco os acenos às antigas expressões e organizações políticas. Por isso, acredito que o cenário atual é um momento de compreensão entre o trânsito local e global do fenômeno, assim como a relação nem sempre harmônica (tampouco exclusivamente conflituosa) entre o passado e o presente. É um pouco a partir destas questões que eu penso o Observatório da Extrema Direita, grupo de pesquisa de matriz transdisciplinar que coordeno com os colegas David Magalhães, Isabela Kalil e Guilherme Casarões. A nossa preocupação foi, ao longo dos últimos anos, qualificar o debate público sobre a extrema direita brasileira. Agora, aparentemente findado o período mais turbulento do cenário político, estamos reorganizando a nossa estrutura, para pensar as iniciativas de pesquisa sobre o extremismo de direita no Brasil e no mundo. Isso envolve pensar as categorias de análise, as especificidades locais e os diálogos acadêmicos e com a sociedade civil.

NEPAT: Tem-se discutido mais sobre o nazismo recentemente (talvez ainda não o suficiente), especialmente devido a casos recentes como o atentado no Espírito Santo. Aqui em Minas Gerais, ocorreu recentemente a vandalização de uma escola em Contagem, na zona metropolitana de Belo Horizonte, muito próximo de nós. Mas e o integralismo? Ou neointegralismo, talvez seja o termo mais adequado. Qual lugar o movimento integralista ocupa no cenário atual de crescimento das direitas radicais no Brasil?

Odilon Caldeira Neto: Concordo que se discute ainda pouco sobre o nazismo, os fascismos e os regimes autoritários. Precisamos ampliar o debate público sobre o tema, pois é uma questão de grande urgência. Por isso é necessário louvar processos recentes, como a confecção do relatório exploratório encaminhado ao grupo de transição da área de educação do Governo Lula. Um dos indicativos do relatório traz algumas pistas interessantes. Destaco a defesa da necessidade de ampliar o escopo legislativo sobre a proibição do extremismo de direita, pensando outros símbolos históricos da extrema direita global, como a cruz celta e de simbologias autóctones, como do universo integralista. Claro, este debate precisa ser aprofundado, para discutir as possíveis equivalências em um processo tão multifacetado como foi a era dos fascismos e

autoritarismos. Mas é necessário entender essa complexidade, justamente para dar conta da multiplicidade de grupelhos neofascistas no Brasil. O neointegralismo, termo que considero mais adequado, é uma das tendências do neofascismo brasileiro, que se articula desde grupos identitários, negacionistas do Holocausto, neonazistas de diversas matizes, chegando até ao neofascismo clássico, inclusive o neointegralismo. Esta diversidade não configura, necessariamente, a transformação do neointegralismo em um fenômeno politicamente forte, mas é importante pontuar duas questões. A primeira é que o integralismo se manifesta como um fenômeno ligeiramente perene na história da extrema direita brasileira. De 1932 até 2022, foram raros os momentos sem a existência de uma sequer organização que reivindicasse o postulado integralista. A segunda questão é que o aceno ao integralismo fornece um instrumento de mobilização das bases diversificadas da extrema direita nacional. Então, o integralismo na atualidade é, em certa medida, maior que o neointegralismo. Pois o primeiro é um fenômeno de mobilização, de acenos às mitologias políticas trazidas pelo imaginário político fascista/integralista. A segunda, diminuta, é justamente composta pelos grupos que reivindicam a filiação ao integralismo histórico. Entender essa dupla dimensão me parece fundamental para circunstanciar a força de uma linguagem integralista, de um léxico fascista, no campo mais amplo das direitas radicais, circundando ao projeto bolsonarista.

NEPAT: Voltando a esse aspecto da cobertura midiática de casos como os que eu mencionei, nós temos uma série de termos, conceitos, relacionados ao assunto: nazismo, fascismo, integralismo, extrema direita. Ainda por cima, temos o prefixo “neo”: neonazismo, neofascismo, e assim por diante. Gostaria de saber se você tem reparado na utilização desses e outros termos na cobertura midiática. Você acha que a maneira como a mídia tem tratado do assunto tem auxiliado ou obscurecido a compreensão do público sobre a temática?

Odilon Caldeira Neto: A cobertura midiática é sempre apressada, pois há um ritmo imposto. Há, também, o ambiente das redes sociais, que combinam desde o tempo rápido, quanto as leituras catastróficas, que geram um fenômeno de capital cultural associado. Além disso, cumpre ressaltar uma demanda política organizada, que gera um uso intenso de categorias e conceitos para descrever (ou acusar) o universo das direitas, inclusive as democráticas. Apesar disso, em linhas gerais, a minha percepção é que o debate público sobre as direitas, no Brasil e na América Latina, evoluiu bastante nos últimos anos. Isso

deve-se tanto à demanda, quanto à disponibilidade de pesquisadoras e pesquisadores, que nutrem uma disposição para tratar publicamente sobre um tema tão complexo quanto espinhoso. É claro que nem toda percepção pública sobre o fenômeno é a mais apurada na minha leitura, inclusive porque há uma disputa natural sobre *quem* fala sobre determinado fenômeno. Mas eu diria que um dos principais problemas é a forma como alguns setores da imprensa lidam com o fenômeno, trazendo o tom declaratório ou impulsionando leituras das mais catastróficas possíveis. Afinal, o caos, o temor, geram cliques em uma economia midiática que se coaduna com as redes sociais. Então, muitas vezes a imprensa fornece um espaço cativo para o discurso de extrema direita, quando deveria ser, na minha leitura, justamente um espaço cativo para a leitura crítica e especializada sobre o tema.

NEPAT: Professor, você também trabalha dentro da perspectiva da História do Tempo Presente, um campo com o qual eu não tenho contato direto. Como é esse trabalho de estudar as direitas atualmente, pensando na sua atuação como historiador? Você poderia comentar sobre as especificidades metodológicas de se estudar um objeto enquanto ele acontece, por assim dizer?

Odilon Caldeira Neto: Eu poderia dizer que os vivos perturbam muito mais, e esta seria uma verdade sobre a História do Tempo Presente. Mas além disso, eu destacaria a necessidade de um olhar interdisciplinar: as Relações Internacionais, a Ciência Política, a Sociologia e a Antropologia são fundamentais para compreender a amplitude do fenômeno. Particularmente sobre a metodologia da História, penso que o debate sobre Humanidades Digitais e particularmente a História Digital, são imprescindíveis. Isto não apenas porque muitos desses fenômenos acontecem por meios digitais, mas também porque são fenômenos que produzem grandes diversidades e quantidades de fontes. Então, é um problema também de *big data*, sem falar sobre a dimensão hipertextual. Então, além de lidar com grupos e indivíduos promotores de discurso de ódio, é natural também que tenhamos que lidar com uma grande diversidade de fontes. Por isso, a interdisciplinaridade é fundamental, para compreender essas tramas e camadas diversificadas, a fim de dar inteligibilidade a esse fenômeno.

NEPAT: Como sabemos que você também se interessa pela História Pública, eu gostaria de te fazer algumas perguntas sobre esse tópico. Inclusive, nossa compreensão da História Pública diz muito sobre como concebemos nosso papel social enquanto historiadoras e

acadêmicas. Qual a sua visão sobre a História Pública? Você enxerga alguma relação entre seu trabalho com a História do Tempo Presente e a História Pública?

Odilon Caldeira Neto: Em primeiro lugar, é necessário louvar a iniciativa do NEPAT! Eu entendo que é necessário diversificar as frentes de atuação sobre o tema dos fascismos, do neofascismo e do extremismo de direita. Sem dúvida, há um sol para todas e todos em meio à grande tempestade que vivemos. A discussão sobre História Pública é fundamental, na minha leitura, por duas questões: a primeira é sobre o papel social das historiadoras e dos historiadores. Mas além disso, é importante ressaltar que o debate sobre a regulamentação da profissão abre muitos flancos e espaços para a discussão sobre a dimensão profissional do nosso metiê. É um pouco da antiga discussão sobre a *Public History*, décadas atrás, nos EUA. Então, por mais que a História Pública tenha (e deve!) discutir a questão social de fundo, é fortuito também porque nos coloca a pensar sobre novos espaços e novas linguagens. Algumas temáticas de pesquisa certamente impulsionaram este debate, também por isso me vejo efetivamente entrelaçado em um tripé entre a História Pública, a História do Tempo Presente e a História Digital.

NEPAT: Você também estuda as direitas a partir de uma perspectiva transnacional. O que você pode nos dizer sobre o crescimento da extrema direita em uma perspectiva global, a partir da sua pesquisa? E quais caminhos nós podemos seguir, acadêmica e politicamente, para enfrentar esse cenário atual?

Odilon Caldeira Neto: O século XXI é o momento da dimensão global do fenômeno das extremas direitas. Além da possibilidade de interlocução efetiva pelas mídias digitais, é importante situar este fenômeno em torno das crises da democracia. A extrema direita é uma causa, um efeito ou mesmo uma resposta às crises políticas de ampla dimensão, assim como um certo esgarçamento do consenso democrático erigido desde o declínio do socialismo real e o fim da URSS. O chamado "fim da história" nos reservou, na realidade, capítulos ainda intensos e problemáticos. Em linhas gerais, eu diria que a nova geração de estudos, de estudiosas e de estudiosos devem estar preocupados em ampliar o escopo público de suas interlocuções, inclusive como mediadores para eventuais políticas públicas. Acho que este é um imperativo, que auxiliará a fortalecer o nosso campo de estudos e a potencialidade da historiografia como matriz interpretativa de um fenômeno que não é apenas de curta duração.